



***estamos aqui em conjunto agora -  
ativação de ligações através da  
partilha de memórias<sup>1</sup>***

***estamos aqui juntos ahora - activar  
conexiones compartiendo recuerdos***

***we are here together now - activating  
connections through sharing memories***

***Marta Gutierrez Nobre Ramos Setúbal  
DINÂMIA'CET-ISCTE, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa,  
Portugal. marta\_setubal@iscte-iul.pt***

---

<sup>1</sup>este ensaio visual recupera e recontextualiza um dos capítulos da tese de mestrado *Arquivo da Vila - um arquivo como dispositivo para a re\_ativação do vínculo a um lugar* (no original, em alemão, *Arquivo da Vila - ein Archiv als Dispositiv für die Re\_Aktivierung der Bindung an einen Ort*), entregue em fevereiro de 2020 na Kunsthochschule Berlin Weißensee - Hochschule für Gestaltung, não tendo sido – até a data – publicado. O projeto de mestrado em questão teve o financiamento das bolsas Tibes Stipendium 2019 / BDA-Berlin e STIBET-DAAD.

## Resumo

A partilha de memórias pessoais provoca uma série de ligações afetivas que põem em movimento um diálogo potencialmente transformador. Este ensaio visual pretende tornar visíveis os momentos de ligação entre cinco participantes de um arquivo comunitário, do ponto de vista da investigadora-participante. O resultado é uma colagem narrativa, feita a partir das interações dos cinco elementos com o arquivo e do material depositado no mesmo.

**Palavras-Chave:** Partilha de memórias. Arquivos pessoais. Arquivos comunitários. Construção coletiva da história. Imaginação coletiva.

## Resumen

*Compartir recuerdos personales provoca una serie de conexiones afectivas que ponen en marcha un diálogo potencialmente transformador. Este ensayo visual hace visibles los momentos de conexión entre cinco participantes de un archivo comunitario, desde el punto de vista de la investigadora-participante. El resultado es un collage narrativo, elaborado a partir de las interacciones de los cinco elementos con el archivo y el material depositado en él.*

**Palabras-Clave:** *Compartir recuerdos. Archivos personales. Archivos comunitarios. Construcción colectiva de la historia. Imaginación colectiva.*

## Abstract

*The sharing of personal memories provokes a series of affective connections that set in motion a potentially transformative dialogue. This visual essay aims to make visible the moments of connection between five participants of a community archive, from the point of view of the researcher-participant. The result is a narrative collage, made from the interactions of the five elements with the archive and the material deposited in it.*

**Keywords:** *Sharing memories. Personal archives. Community archives. Collective construction of history. Collective imagination.*

## REPRESENTANDO UMA OUTRA DIMENSÃO

*Lúcio - agora parece que já não o identifico, mas, se bem me lembro, esta casa...*

*Ana - ... é esta!*

*Lúcio - ... é esta.*

*Ana - portanto, isto é aqui.*

*Lúcio - e isto... é aqui. E isto, é aqui.*

*Ana - pois!*

*(conversa no Arquivo da Vila. 1 fevereiro 2019)*

**A** memória individual é um ponto de acesso à pessoa. A sua partilha tem o potencial de ativar ligações adormecidas ou nunca tornadas conscientes entre as pessoas – e entre estas e os lugares que habitam, valorizando tanto a memória individual (e a pessoa), que passa a fazer parte do coletivo, como a memória coletiva (e o conjunto de pessoas), que passa a abraçar diferentes perspetivas, complexificando-se e evitando cristalizações e simplificações enviesadas. A acompanhar uma consciencialização crítica do passado e um maior interesse pelo

espaço e pelo coletivo, a imaginação coletiva é provocada, culminando numa efetiva co-produção espacial.

A existência de espaços que facilitem esta partilha e apoiem as dinâmicas que dela resultam, são importantes para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e sustentável.

O Arquivo da Vila foi um arquivo comunitário que funcionou experimentalmente em Vila Real de Santo António, Portugal, entre 2018 e 2019. Começou vazio e foi-se enchendo, ao longo de seis meses, de documentação trazida das gavetas dos seus habitantes e que foi sendo posta em movimento através de diversas atividades no espaço público. O Arquivo da Vila fez parte da minha investigação de mestrado e as pistas que deixou continuam a ser investigadas.

Um dos objetivos principais da experiência era perceber se – e como – seria possível, a partir da partilha da memória e das histórias pessoais de habitantes, provocar um diálogo na (e sobre a) cidade, que permitisse ativar a imaginação (coletiva) e, conseqüentemente, a ação (coletiva) sobre a mesma.

Há uma dimensão resultante deste projeto que considero essencial na provocação desse diálogo e que pretendo, com este ensaio visual, tornar possível vislumbrar por quem não o acompanhou. Para isso, uso a forma de interação que cinco participantes tiveram com o projeto e a forma como representaram as suas memórias e o passado da Vila, focando-me nos momentos de ligação. É uma representação montada por mim, como facilitadora e observadora destas ligações, mas também como participante.

De forma a introduzir e contextualizar esta experiência, o ensaio é precedido de um excerto da conversa ocorrida numa das sessões de *Estórias no Pelourinho*, uma atividade regular de partilha de memórias individuais, no espaço público, onde grande parte das ligações se foi tornando visível.

São estes momentos de conexão entre elementos internos (memórias, emoções) e externos que nos enviam para uma dimensão em que fica claro que *estamos aqui em conjunto agora* – e que *estar aqui* faz mais sentido quando co-acontece.

## CONVERSA EM GRUPO SOBRE UM LUGAR QUE JÁ NÃO EXISTE - UM EXEMPLO<sup>2</sup>

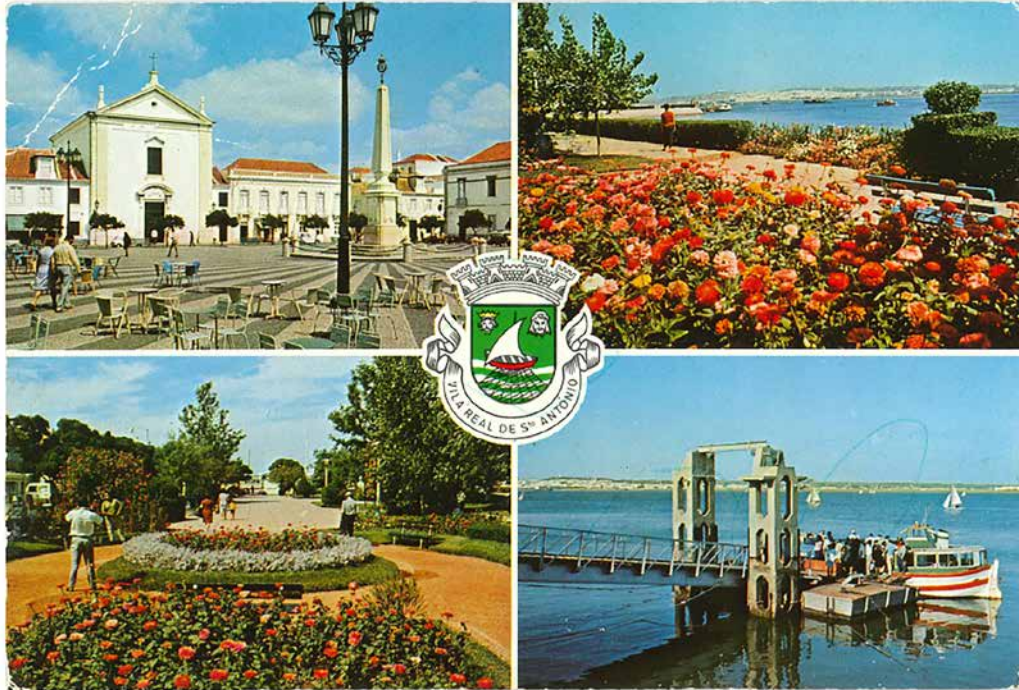


Figura 1: Postal trazido pela Amélia para uma sessão de Estórias no Pelourinho. Fonte: Edição da CM Vila Real de Santo António - ano desconhecido.

**Amélia** - eu trouxe um postal, em que se vê o jardim (porque ontem tínhamos uma companheira que não tinha conhecido o jardim). Vê-se a praça, também, como era antigamente, a chegada dos barcos de Ayamonte e o jardim como nós tínhamos...

**Henrique** - uma das memórias antigas que eu tenho deste jardim foi a inauguração do busto da Lutegarda de Caires. Alguém me levou – eu era muito novinho e fixei. E lembro-me de ver os bombeiros e bombeiras – e uma pessoa que eu fixei, como bombeira e estando lá, a fazer a guarda de honra, sei lá... era a Fatinha, que tem ali o Klassik bar – que eu conhecia, porque vivia ali mesmo ao lado, na casa dos Sabinas.

<sup>2</sup> o excerto aqui transcrito corresponde à conversa que se desenrolou na sessão de *Estórias no Pelourinho* de 26 de setembro de 2018, na Praça Marquês de Pombal, em Vila Real de Santo António.

**Lena** - sim, sim, sim...

**Henrique** - e eu lembro-me dessa senhora, que era uma rapariga. Eu era um miúdo; ela devia ser já uma rapariga adolescente. É a memória mais antiga que eu tenho daqui deste jardim. A inauguração do busto da Lutegarda.

**José** - e não te chamou a atenção o reflexo do sol no peito do Sr. Figueiredo, dada a quantidade de medalhas que tinha?

**Henrique** - hahahaha!

**José** - parecia um marechal – não é? –, com tanta condecoração!...

**Henrique** - mas o velho Figueiredo...

**Lena** - coitado, tão pequenino! Se caísse ao Rio, lá ía ele!

**Henrique** - é tipo o Mourinho das medalhas.

**José** - ...tanta medalha!

**Lena** - ...uma figura típica da nossa terra. Hoje não temos figuras típicas assim como tínhamos antigamente.

**Henrique** - não houve renovação da frota.

**Lena** - quer dizer, eram figuras típicas, porque havia sempre uma falha qualquer.

**Henrique** - sim...

**Graça** - então não tens a “Marroquina”?

**Henrique** - sim... de certa forma.

**Lena** - vou dizer: eu tenho uma situação da Marroquina, que está aqui, dentro do coração. Eu faço voluntariado de recolha de alimentos.

**Graça** - também eu...

**Lena** - e um dia ela apareceu onde eu estava e entendeu que tinha que [doar]. E eu dizia-lhe “não, filha, que tu precisas”. “Não, porque eu também sou ajudada!” – e pôs lá, já não sei o que é que foi... mas pôs lá.

**Henrique** - muito bem!...

**Lena** - olhem, isto caiu-me cá dentro, que eu nunca mais me esquecerei na minha vida.

**Graça** - mas eu acho graça nela, que em cada repartição onde ela vai, tem uma conversa. “É para dizer que hoje já estive aqui, sou o número não-se-quê blá blá blá blá”, depois vai à Caixa Geral de Depósitos... “blá blá blá blá”.

**Lena** - tem um tema, vai sempre com uma finalidade.

**José** - vai, sem persistência... qualquer resposta a satisfaz – e dá meia-volta e vai embora, sem qualquer conflitualidade. Na Caixa também me recordo disso. Dizia[-lhe]: “ah, isso só amanhã e tal” – e ela lá ía, toda contente.

**Lena** - ... pelo menos tinham-lhe dado um bocadinho de atenção. É disso que as pessoas precisam.

**Henrique** - a falta de figuras típicas, que se vem sentindo, também tem a ver com o elevar das condições de vida das pessoas.

**Lena** - exatamente, é isso que eu ia dizer!

**Henrique** - havia muita miséria, em determinada altura, e – dessa miséria – saíam essas figuras típicas, ou porque não tinham cultura, ou porque não tinham tido acesso aos estudos, ou porque tinham uma deficiência física qualquer.

**José** - pois...

**Amélia** - mas, por exemplo, quando eu cheguei cá, havia uma figura típica que não era por não ter dinheiro, que era aquele filho da dona da farmácia, que só saía de noite.

**Lena** - ... o Sebastião!

**Henrique** - o Sebastião Santos Silva.

**Amélia** - e esse não era por não ter dinheiro...

**Graça** - era epilético.

**Henrique** - era epilético, sim senhor!

**Lena** - mas esse não era uma figura tão típica...

**Amélia** - não era típica, era *sui generis*. Tinha uma maneira de estar... e eu, quando cheguei aqui, sempre me chamou a atenção esse homem.

**Henrique** - cheguei a ver alguns ataques epiléticos dele aí no [café] Cantinho do Marquês...

**Graça** - ataques enormes!

**Henrique** - ele também bebia muito – e depois as coisas...

**Lena** - se calhar tomava alguma medicação e interferia logo.

**José** - Sebastião Santos Silva

**Lena** - mas eu falo em figuras típicas, mas não no Sebastião. Falo no “Peixe e Pão”, na “Patamila”, no “Chegadinho”...

**José** - no “Papelito verde”... o “Mar Azul”.

**Henrique** - o “Chavelhita”, o “Cabo Teta”, o “Frade”.

**José** - o “Capitão do Vinho”.

**Henrique** - o “Capitão do Vinho”.

**Graça** - o capitão do quê?!



**Henrique** - do vinho... e a “Petrólea”, a “Patamila”, a “Zé”, que era irmã do “Macói” – ui, havia tantos!...

**José** - e, depois, a crueldade dos miúdos a lidar com essa gente. Eram pessoas miseráveis, no sentido de serem desprovidas de qualquer auto-suficiência. Iam ali para [a taberna d]o “Zé Calceteiro” às 7 da manhã, à espera que abrisse. Estavam dependentes do álcool. Esse indivíduo, que era o “Capitão do Vinho”, era um indivíduo que se via que transportava (eu nunca ouvi o homem falar, mas transportava) uma grande mágoa. Devia ter qualquer peso na consciência. E a ideia que eu tinha (não sei se isto corresponde à verdade, ou não) era que ele tinha alguma responsabilidade na morte da mulher...

**Henrique** - ah.... ok, afogava as mágoas em vinho.

**José** - e, então, quando chamavam o “Capitão do Vinho”, à distância, diziam “já a mataste!”.

**Lena** - oh, isso dava cabo dele...

**José** - e o “já a mataste” era seguido de apanhar logo em pedras e atirar... e, depois, lembro-me de uns anos mais tarde, terem a crueldade de se terem refinado. Então, em vez de dizerem aquilo e provocarem essa reacção intempestiva nele, deixavam-no passar e diziam: “ela era uma santa...!”.

**Amélia** - ... ainda era pior!

**Henrique** - malvados! Veneno puro, concentrado! Eu lembro-me de um, quando era miúdo, que era um varredor, que era o “Miquelina”. Nós esperávamos por ele e, assim, ao longe, quando ele aparecia, dizíamos “Miquelina, roubaste as mulas ao homem!”. Não sei que história é que havia por trás, mas ele ficava de cabeça perdida, largava o carrinho e vinha a correr, a apanhar pedras e a jogar. Nunca percebi o porquê...

**Lena** - havia o “Candelária”, que era espanhol.

**José** - o “Mateus Salpico”.

**Graça** - ah, esse também nunca ouvi!

**Henrique** - então e o “Baguinho de Milho”? Lembro-me dele agarrado às paredes com as bebedeiras...

**José** - e o “Malito China”, também havia.

**Henrique** - e o “3 Pipas”...

**José** - o “3 Pipas”, sim... tinha muita queda para a matemática!

**Henrique** - ... que era muito bom com a regra de 3-simples!

**José** - e com problemas de pipas de vinho... aqueles problemas: “quando se verte o vinho a uma determinada velocidade...”. Eram problemas de matemática complicados...

**Henrique** - ... mas explicava sempre com a regra de 3-simples, com as pipas!

**Todos** - ahahaha!

**José** - esta capacidade que esta terra tem de escarnecer... as alcunhas eram postas com algum fundamento! O “3-Pipas” ...

**Lena** - eu acho que não é desta terra: é de todos os meios pequenos. Lisboa é uma cidade grande, mas nos bairros...

**Amélia e Henrique** - sim, sim...

**Lena** - portanto, não é esta terra! José Eduardo, desculpa lá eu contrariar essa situação, mas eu acho que os meios pequenos é que provocam isto. Por... falta de educação – vamos lá –, porque isto é uma questão de educação. Se as pessoas se metem com alguém que tem uma incapacidade, é uma questão de princípios e de falta de educação. Portanto, isso existe em todas as sociedades.

**José** - essa falta de compaixão, essa falta de respeito pelos miseráveis, essa maldade, também diz alguma coisa da sociedade; da educação que é dada, sobretudo às crianças, que são aquelas que hostilizavam esses indivíduos...

**Amélia** - vamos lá ver, mesmo que haja educação das crianças, as crianças em grupo, a uma certa idade, mesmo que sejam educadas, têm aquele espírito de grupo e gostam muito de se meter com quem eles sentem que é um bocadinho diferente.

**Henrique** - ... sobressai muita crueldade.

**Amélia** - em grupo, então, acho que sobressai isso. Claro que, quanto mais educadas, menos isso se mostrará, mas...

**Henrique** - às vezes a crueldade surge de uma forma mais refinada, com a formação.

**José** - eu, que me reivindico que Vila Real de Santo António, e que tenho pena de se ter perdido o humor típico desta terra, ao mesmo tempo reconheço que havia defeitos aqui (de natureza social) que não havia noutros sítios. Pode ser uma impressão subjectiva, mas quando fui estudar para Faro, para o Liceu, notei no Ambiente do Liceu mais solidariedade, mesmo em relação a gente que não se conhecia e que se podia hostilizar por serem de Olhão, outros de Vila Real de Santo António... Havia um ambiente de maior tolerância, de maior convivência, de menor escárnio, de menor má-língua em relação ao que havia aqui em Vila Real. Isto era terra de gozo, no pior do sentido. E eu nem fui muito alvo desse gozo, porque, como jogava à bola - e o indivíduo que jogava à bola, não é que fosse nenhuma estrela, mas tinha mais aceitação social que outros... havia indivíduos que era permanentemente hostilizados – e eu, em Faro, não sentia isso.

**Amélia** - eram mais velhos...

**Lena** - o ambiente era outro...

**Henrique** - o nível de inserção era outro, estavas lá de visita. Passavas ali umas horas e vinhas embora e o conhecimento que tinhas também era superficial.

**José** - mas o ambiente escolar aqui era mais agressivo. As contradições entre os alunos, às vezes da mesma escola, ou entre o colégio e a escola técnica – eu vivia ao pé da escola técnica, jogava ali á bola, e ia para o colégio – e havia conflitos, sobretudo entre as raparigas, entre as da escola técnica e as do colégio.

**Lena** - a escola técnica era uma escola inferior — a outra era de meninos mais bem.

**Amélia** - bom, em relação ao jardim, estava a dizer, quando cheguei a Vila Real, conheci o jardim mais ou menos como ele está aqui e depois usufruí do jardim quando os meus filhos eram pequeninos. Gostavam muito de vir para aqui correr, de ir para a tal árvore, que a Marta falou ontem, e nós temos fotografias dos miúdos na árvore. E havia aquele sítio onde se bebia água...

**Lena** - o chafariz?...

**Amélia** - não é bem um chafariz.

**Lena** - era o repuxo!

**Amélia** - e havia um sítio com um murinho, onde os miúdos iam ver o rio.

**Henrique** - exactamente!

**Lena** - eu tenho uma foto dos meus filhos, ele a beber água no repuxo – mas é um poster!

**Henrique** - e, nesse espaço, os miúdos iam andar de patins.

**Amélia** - e correr, e de bicicleta. Podia-se ter feito a marina e ter mantido o jardim.

**Graça** - [teriam] feito a marina lá em baixo [mais para Sul]...

Nas dez páginas que se seguem, é apresentado o ensaio visual. Por uma questão de leitura e narrativa, as figuras não têm legenda, sendo que as imagens utilizadas na colagem<sup>3</sup> provêm de arquivos pessoais e foram disponibilizadas ao Arquivo da Vila

---

<sup>3</sup>excepção feita nas secções Graça e Lúcio, em que as fotografias atuais das suas casas foram tiradas pela autora do ensaio, durante uma visita guiada (por habitantes), preparada no âmbito do mesmo projeto. As imagens de fundo foram obtidas a partir de imagens presentes na secção respetiva, excepto a imagem de fundo da secção Elisa, que provem de uma imagem disponibilizada pela Lena.

pelos cinco participantes protagonistas no ensaio, como fica claro no decorrer da leitura, que deve ser feita na ordem apresentada.

## JOSÉ

O José apareceu pela 1ª vez logo no 2º dia do Arquivo, com a Amélia.

Desde então - e até ao fim do projeto - foram os dois muito presentes.

Na primeira “Estórias no Pelourinho”, o José trouxe-nos uma foto com um mistério.

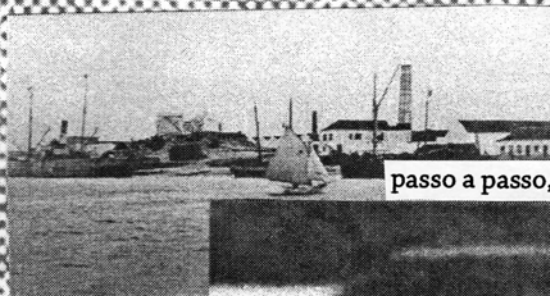
Nessa foto...



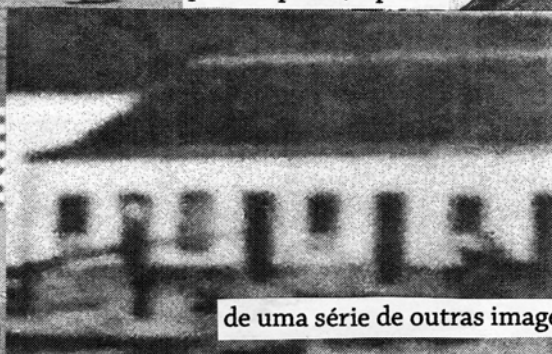
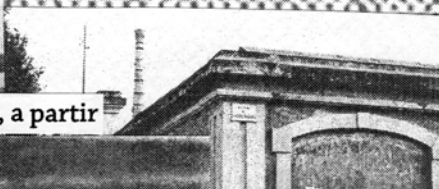
, mas a cidade é plana: não há qualquer monte...

...onde poderia ser?

Então, na sessão seguinte, o José explicou,



passo a passo, a partir



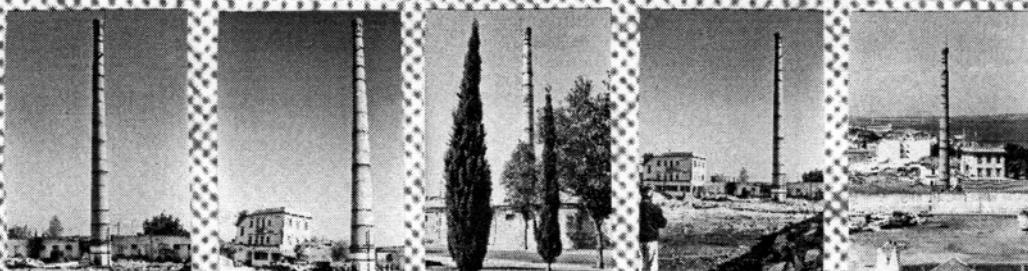
de uma série de outras imagens,



como tinha descoberto o sítio.

Duas dessas imagens pertencem a uma série de fotografias, contou-nos, que tinha tirado pouco tempo antes - e pouco depois - da demolição da grande chaminé da fábrica Parodi.

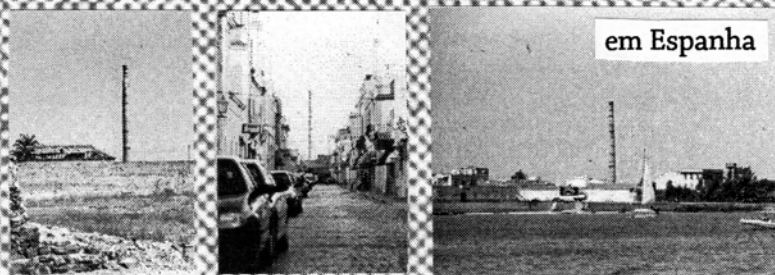
Era um rolo de 24 fotografias:



tinha fotografado a chaminé a partir de sítios de onde ela podia ser vista. Cada vez

mais longe...

até que acabou por se encontrar no outro lado do Guadiana,



em Espanha

Tinha falhado, no entanto, o dia da demolição:

não existem, portanto, registos da mesma.

No seguimento desta mágica história da duna-mistério,

o José contou-nos outras histórias bonitas e - de alguma forma, também - tristes.

Por muitas e diversas razões,

a chaminé do Parodi tem um significado profundo para ele.

## GRAÇA

A Graça apareceu num dia em que eu estava a trabalhar no arquivo, mas tinha todas as portas fechadas. Bateu no vidro da janela até que eu abrisse a porta e

explicasse o que estava a fazer ali.

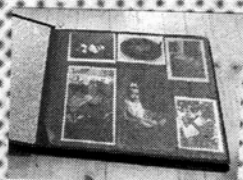
Para a “Estórias no Pelourinho”,

veio com curiosidade e trouxe o cartão de sócio do pai:



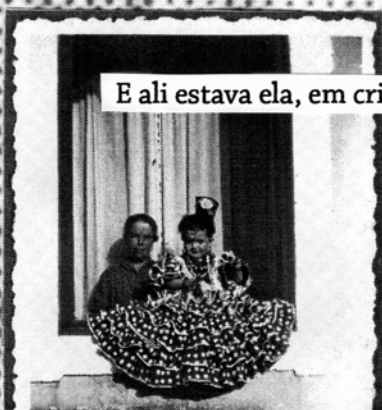
clube de futebol

Depois, trouxe um album de fotografias inteiro e disse-me para tirar dali tudo o que eu quisesse.



Mas o que eu queria mesmo era conversar com ela sobre cada foto.

E ali estava ela, em criança, no Carnaval, com a sua avó.



A mesma janela e ela, com o pai e um cão, também no Carnaval.





E, novamente, a janela. E a Graça, já não criança, com uma amiga e um cão.



A Graça telefonava-me frequentemente: tinha encontrado uma placa antiga.

“tens de vir ver já” “ok, estou aí em 5min”.

ou

tinha encontrado junto ao contentor do lixo um desenho bonito de um barco.

No último passeio-oficina do projeto,  
apresentou-nos detalhadamente  
a rua onde cresceu...

onde está a casa...



onde está a janela...

onde foram tiradas as tais fotos.



## LENA

A Lena é uma amiga de sempre da minha avó.

Conheço-a desde que me lembro; faz parte.

Começou por trazer fotos das peças de teatro,

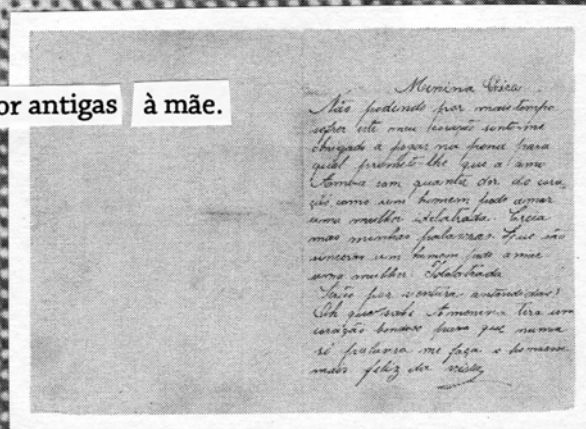
onde dava para ver a minha avó em cena.



Depois, trouxe fotografias dela com a mãe,



e deliciosas cartas de amor antigas à mãe.



Depois, uma foto de Tânger em 1931

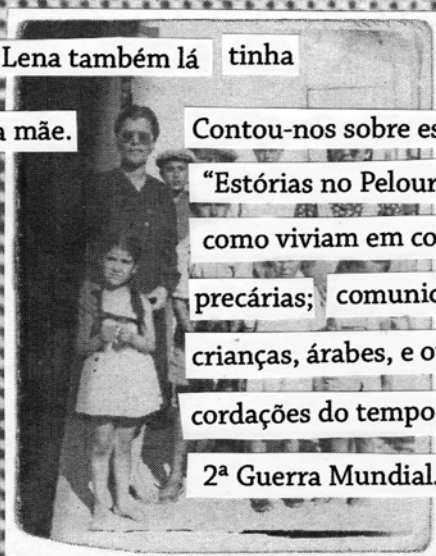


onde aparece a sua mãe:

Várias operárias fabris de Vila Real de Santo António, em trabalho sazonal, em Marrocos. Dois grandes atuns podem ser vistos, ao fundo.

Com 5 anos de idade, a Lena também lá tinha

estado, com a mãe.



Contou-nos sobre essa altura numa

“Estórias no Pelourinho” :

como viviam em condições

precárias; comunicar com outras

crianças, árabes, e outras re-

cordações do tempo logo a seguir à

2ª Guerra Mundial.

ELISA

A Elisa apareceu no Arquivo já perto do fim do projeto. Eu conhecia-a especialmente de uma oficina que tinha organizado meses antes.

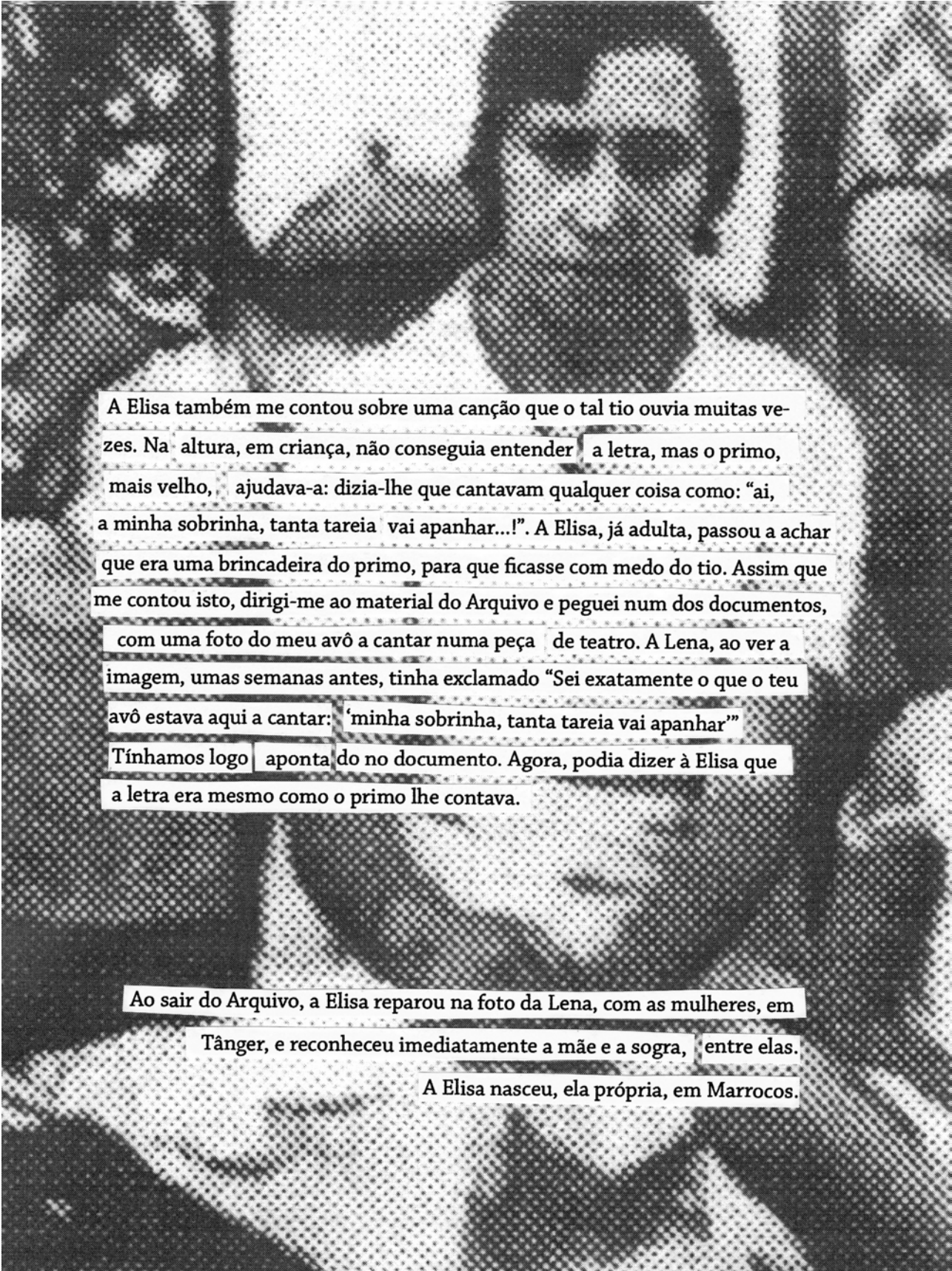
Um dia, algures em Fevereiro, telefonou-me; disse:

“Marta, tenho que falar contigo. Quando vai estar no Arquivo?”

Era porque, numa notícia sobre o Arquivo da Vila que tinha saído no jornal, eu teria contado uma determinada coisa errada à jornalista sobre uma pessoa. Um homem, a quem chamavam “Viagem à Lua” porque - tinha eu ouvido - se tinha atirado de um farolim apenas com um guarda-chuva. Disse-me, então, que a história não era bem assim. A verdadeira história era que ele se tinha atirado de um primeiro andar - e com um fato especialmente feito para voar. O “Viagem à Lua” era seu parente.

Começou-me a contar sobre a sua infância: por exemplo, sobre um tio, uma figura imponente, um patriarca, que não gostava de ter os pés frios. Por isso, a sua filha tinha a tarefa de lhe trocar as meias frias por meias quentes várias vezes ao longo do dia. Até havia uma divisão na casa, com aquecedor, e muitas meias à sua volta.

Nesse dia, tivemos uma conversa muito bonita.



A Elisa também me contou sobre uma canção que o tal tio ouvia muitas vezes. Na altura, em criança, não conseguia entender a letra, mas o primo, mais velho, ajudava-a: dizia-lhe que cantavam qualquer coisa como: “ai, a minha sobrinha, tanta tareia vai apanhar...!”. A Elisa, já adulta, passou a achar que era uma brincadeira do primo, para que ficasse com medo do tio. Assim que me contou isto, dirigi-me ao material do Arquivo e peguei num dos documentos, com uma foto do meu avô a cantar numa peça de teatro. A Lena, ao ver a imagem, umas semanas antes, tinha exclamado “Sei exatamente o que o teu avô estava aqui a cantar: ‘minha sobrinha, tanta tareia vai apanhar’”. Tínhamos logo aponta do no documento. Agora, podia dizer à Elisa que a letra era mesmo como o primo lhe contava.

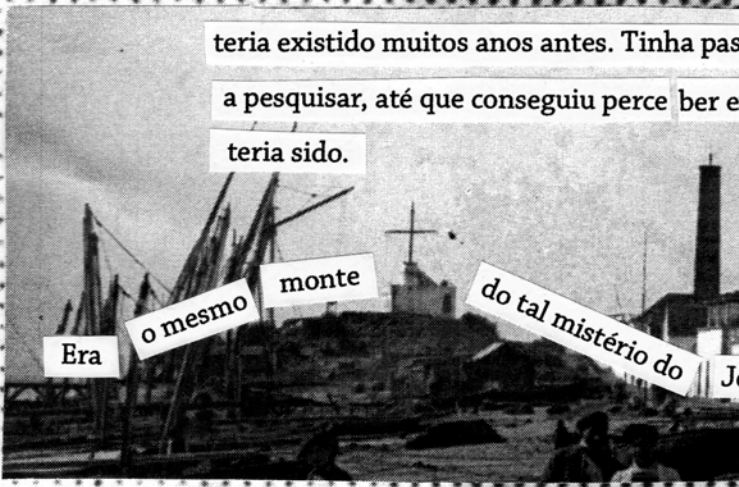
Ao sair do Arquivo, a Elisa reparou na foto da Lena, com as mulheres, em Tânger, e reconheceu imediatamente a mãe e a sogra, entre elas.

A Elisa nasceu, ela própria, em Marrocos.

## LÚCIO

O Lúcio ter-me-ia, segundo a Elisa, contado a história errada do “Viagem à Lua”. Os dois acabaram por se encontrar, por acaso, um dia mais tarde no Arquivo e falaram sobre isso.

Uma vez, o Lúcio trouxe para o Arquivo imagens de uma duna, que teria existido muitos anos antes. Tinha passado algum tempo a pesquisar, até que conseguiu perceber exatamente onde teria sido.



Era

o mesmo

monte

do tal mistério do

José (!).

Pu -los em contacto sobre esta questão.

O Lúcio, sim, tinha fotografado a demolição



que o José tinha falhado.



Um dia, trouxe para o Arquivo uma foto: um grupo de homens



Era como a outra fotografia das mulheres, da Lena...



mas num outro dia ou a outra hora;  
ou provavelmente tirada com outra objetiva.